



**ILUSTRACÃO PORTUGUESA**



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça  
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia  
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO, 50 cavs.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:  
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.  
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00  
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redacção, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 79, LISBOA

## LOJA INFANTIL

ESPECIALIDADE — em rou-  
paria para senhoras e crianças.  
Enxovais para noivas e recém-  
nascidos.

114, ROCIO, 115



## Corôas

Onde ha o mais chic  
sortido e que mais ba-  
rato vende, por ter  
fabrica propria, é na

Camelia Branca  
L. D'ABEGOARIA, 50  
tao Chiado - Telef 3270

## Maquinas de escrever

Quereis as vossas maquina  
bem concertadas? E gastand  
pouco dinheiro? Mandai á Ru  
Augusta, 76, 4.º, a J. Viegas.

# ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Estabelecimento destinado exclusivamente ao tratamento de senhoras e creanças

Directora: — **MADAME CAMPOS**

laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra. — Diplomada com frequencia em massa-  
gem MEDICA ESTETICA, pedicure, manicure e tintura de cabelos, pela Escola Francesa de Paris d'ORTOPEdia E  
MASSAGEM. — Ex-massagista assistente do Hotel Dieu, de Paris. Antiga professora diplomada inscrita e premiada  
em diferentes cadeiras. Quimica-Perfumista e Socia efectiva de diferentes Sociedades Scientificas, etc., etc.

AVENIDA DA LIBERDADE, 23-A

Telefone

Endereço telegrafico

Estabelecimento unico no genero em Portugal e o mais importante da Peninsula

3641-C.

BELZAK

## Esthetica Feminina

Tratamentos de Beleza pela Electricidade applicada sob todas as suas formas

Massagem applicada, esthetica e higiene, manual e combinada de electricidade, massagem vibratoria e pneumatica

## Produtos Rainha da Hungria

Pó de Talco Rainha da Hungria — Contra a vermelhi-  
dão, erythemas, urticaria, calor, congestão do rosto  
devido ás perturbações da circulação, pruridos, ecze-  
mas, impetigo, erythemas das creanças gordas, etc.

Sabonete Rainha da Hungria — O mais delicioso e per-  
fumado.

Creme Rainha da Hungria — Deliciosamente perfumado.

Pó Rainha da Hungria — Extracto para assetinar e  
aveludar a pele.

Agua Rainha da Hungria — Limpa e fecha os poros e  
evita os pontos negros.

Pó de Arroz Rainha da Hungria — A magnifico para a  
pele.

O catalogo illustrado desta Academia envia-se a todas as pessoas que o requisitem mediante a importancia de 1\$00

*N' venaa em toaos os bons estabelecimentos*

## ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

Avenida da Liberdade, 23-A

O melhor  
Cha exportado da  
Inglaterra é o  
Cha Endvar

Solicitamos Agentes  
Compradores para or-  
-mercadores e onde nao  
-tenhamos representantes

# CHA ENDVAR

ENDVAR & COMPANY LTD

Fabricantes e Exportadores de Chas, Conservas, etc.

38A KING WILLIAM STREET, LONDON EC. 4





# ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



## « MON HOMME »

A grande atriz francesa Cora Laparcerie, que virá dentro de poucos dias a Lisboa e Jacques Collin uma das primeiras figuras do *Théâtre de la Renaissance*, numa das cenas intensas do notável sucesso parisiense «Mon homme»



## Armando Donoso

NA ausencia de Antonio Ferro, substitue-o João Ameal na direção da *Ilustração Portuguesa*.

Não ha duvida, meus amigos:—só o estudo de todos os dias nos convence de que ignoramos quasi tudo. O que mais sabe é o que nem sequer o *abc* conhece. Porque esse abrange o mundo no seu horizonte visual. Além, á direita, á esquerda, o céu paira nos montes azulados ou nos brumosos confins da planura. E para lá desse circuito cerrado pela tampa dos céos sobre o formigueiro da terra, unicamente ha estrélas, e os anjos que do berço sobem ao regaço de Nossa Senhora, e as sete mil virgens da predica dominical, e os oragos das festas de cada ano a advogar o interesse dos festeiros no supremo tribunal do Deus Padre Todo-Poderoso. O *abc* é já a chave com que se abre a tampa celeste do viveiro humano, permitindo ao olho curioso que lobrigue outros horizontes a envolver o seu horizonte, outros homens, outros aglomerados, outros povoados, afóra os da sua familiaridade.

Ora isto, pouco mais, pouco menos, pensava eu agora, depois de o haver pensado por outras vezes, ao reler algumas paginas de Armando Donoso.

Como é intensa, e rica, e fecunda, a vida intellectual das republicas espano-latinas da America, e como nós beatificamente, a ignoramos! Onde julgamos haver a penas a pompa silenciosa, a cidade cosmopolita alastra, ruidosa e triunfal. Onde cuidamos que só o pele-vermelha vegeta e respira, é o ultra-civilisado, estuante de seivas virgens fecundadas pelo labor secular do europeu, que nos surge e nos domina. A Venezuela, a Colombia, o Perú, o Chile, o Uruguay, a Argentina são hoje laboratorios de actividade permanente, desdobrando-se em prodigios de vida superior.

E' um dos mais formosos espiritos chilenos, um dos da ala dos namorados das ultimas gerações combativas, o que hoje, a esta hora matinal, no socego acariciante da minha cela quasi monástica, vem alumiar, como raio de sol, o bico desta pobre pena.

Tenho aqui, na minha frente, ainda encrespada da derradeira e nervosa leitura, a sua obra tão pessoal, tão viril, tão independente, tão sincera.

*Las Nuevas, La senda clara, Bilbao e su tiempo, La sombra de Goethe, Recuerdos de medio siglo—Don José Vitorino Lastarria.* E Armando Donoso, o construtor admiravel que executou esta obra, o evocador lucificante que a ornamentou dos marmores das primeiras figuras representativas do seu paiz e de outros paizes, o julgador simultaneamente impulsivo e equilibrado que iluminou essas figuras ao quente fulgor da sua sensibilidade critica—e a quem eu agradeço, em comoção, menos certas palavras gentilissimas de affecto, do que o grande prazer intellectual de o haver lido—afiora á tona da minha simpatia a toda a altura do seu talento e a toda a luz da sua bondade. Porque, critico embora, este critico, Armando Donoso, não molha a pena em fel. Mergulha-a, pelo contrario, nas tintas claras donde surgem os alvares optimistas. Não é o critico de que fala Taine «silveiral á borda do caminho, que tira um pouco de já a cada ovelha que passa». E' antes o bom samaritano que fere, quando a lei do justo equilibrio lho ordena, mas que tem sempre á mão o azeite e o vinho duma sábia generosidade para lançar nas feridas abertas.

Nos seus livros, em que a erudição vive do sangue de emoção, em que o estilo palpita ao ritmo do nervosismo—estilo preciso, forte, flexivel, musical, empolgante—invariavelmente refulge, de facto, um fundo de ternura que denuncia a alma dum poeta. E é assim que o vemos, sentindo por traz do critico o poeta, mesmo ao falar-nos dos filosofos e dos politicos dos guerreiros e dos pensadores.

E é assim que o vemos erguer, na *sombra de Goethe*, como no scenario dum poema, toda a Alemanha intellectual, filosofos, poetas, musicos, politicos, sociologos, para nos dizer, para nos clamar:—que pena que tudo isto, deuses, idolos, gen'os, criação, ao crepitar apocaliptico da guerra seja, por vezes, lembrado com odio!

Armando Donoso, critico, educando-nos, ensinando-nos, faz-nos principalmente um bem que nem sabemos agradecer—reconforta-nos com o proprio mal.

CORA Laparcerie, a grande actriz francesa que Lisboa vae conhecer na proxima semana, tem um nome que se presta a varios trocadilhos e *blagues* de espirito. E' claro, que, entre nós, nunca se perde o ensejo de se fazer uma frase ou de se lançar um paradoxo. Assim, uma destas noites, um escritor, moço, conversava com um ilustre critico de teatros, bem conhecido pela sua fervorosa paixão camiliana.

—Ainda bem que vamos ter a Cora Laparcerie. Deve ser, para Lisboa, uma revelação...

E logo o cronista teatral responde:

—Não é revelação nenhuma. A Parceria já nós cá tinhamos—o João Bastos, o Ernesto Rodrigues, o Felix Bermudes...

Só esqueceu uma coisa ao distinto jornalista e advogado. E' que nós temos de certo uma parceria—uma *la parceria*—mas uma parceria que não *córa* nunca...

TEVE Laura Chaves a gentileza de nos mandar o seu livro «Do Amor...» de que o nosso critico literario falará mais particularmente. Só queremos deixar affirmado que a poetisa dos «Esboços»—uma estreia interessante mas irregular—tem melhorado a sua fórma e equilibrado a sua sensibilidade, de tal maneira que nos dá agora, no seu pequeno volume de sonetos, alguns que são verdadeiramente perfeitos

O sr. dr. Alfredo Pimenta tem quasi concluida uma novela intitulada *Teotónio Simão*, que deve causar enorme interesse.

Além da pintura fiel do nosso meio literario, faz passar nele, com um humorismo que algumas vezes é sarcasmo, algumas das nossas figuras das letras e da critica.

POR um lapso lamentavel não safu no nosso numero passado, um soneto que nos enviou, a proposito do glorioso «raid» Lisboa-Rio, o distinto poeta sr. dr. Cunha Belem (João de Sá). Só agora, portanto, nos é possivel dal-o a publico, pedindo desculpa ao seu autor da involuntaria demora.

### HONTEM E HOJE

A terras brasileiras, finalmente, p'lo espaço nunca d'antes navegado, chegaram dois heroes e o nome honrado da velha tradição da lusa gente.

Ja outro português, antigamente, rasgando o Oceano lado a lado, tomando um novo rumo não sulcado á Patria, d'outra patria fez presente.

A todos Deus guiou, mostrando o trilho dando o valor, o esforço e a inspiração do feito audaz que a Patria enche de brilho.

Bem diferente, porém, é a missão:—Os Heroes d'hontem dão á Patria um filho, que os Heroes d'hoje beijam como irmão!

Abril de 1922

Sousa Costa

João da Cunha Belem

Da Academia das Sciencias de Lisboa

(João de Sá)





## Cora Laparcerie, gigolette de Paris dançarina vermelha da Europa . . .

A lado d'esse Paris viciado das cocaínas e dos *cabarets* elegantes, esse Paris-car-taz da civilização e da folia, da mentira e da perversidade, das mulheres diabólicas e dos arómas pecadôres—outro Paris vive, agita-se, baila, apunhala, endoi-dece e mata: o Paris-*bas-fond*, o Paris equívoco da aventura, o Paris-apache, com o seu grande lenço vermelho a enrolar-se á volta do pescoço como uma cicatriz e com a sua dramática audácia a fulgurar-lhe nos olhos, como um sol noturno, um imenso sol artificial e elétrico. E' o Paris fóra de horas, o Paris proibido, aquele que desnor-teia, inquieta e ameaça os burguezismos tímidos, o Paris que, misteriosamente, crepita sob a sociedade como um brazeiro a arder, crepita sob um baile de mascar-as... E' o Paris da *gigolette* e do *maquereau*, o Paris que faz do amor um comercio, uma *escroquerie* e uma pétala de sangue. E' o Paris macabro onde as mulheres de expressões tragicas e ardentes dançam muito juntas aos homens—dançam como quem esfaqueia, em gestos de entrega e de crime. E' o Paris que se abre como uma cilada aos olhos profanos dos *dilletanti*—e que sobre eles se fecha como uma tampa suprema do sarcófago. E' o Paris que assalta á esquina da vida, n'uma perfida e ambigua tentação. E' o Paris que assassina e estonteia, o Paris da coragem desesperada e do maleficio doído, o Paris do *Rat-mort*, o Paris da tontura amorosa, o Paris das cabeleiras esparsas e dos aventaes vermelhos, o Paris sangrento e sensual do *Mon homme*...

E' esse Paris que vae aparecer em Lisboa, na sugestão dos nervos—tziganos de Cora Laparcerie. E' esse Paris que ela nos vae revelar, desmascarar, ela e Collin, o grande ator, que será, no *Mon homme*, o apache do *boulevard* e o apache dos sentidos. Cora Laparcerie é uma atriz de contrastes e de

violencias, ora lançando na scena a florida aristocracia d'um perfil sortilego de mundana, ora atravessando o palco n'um risco de aventura e de sangue, mulher-reptil, mercenaria das trevas e das voluptias...

Eu não vi ainda Cora Laparcerie. Mas vi retratos. E ouvi os criticos de Paris através os jornaes e os *magazines*, falar da sua sugestão diabolica e profunda, da sua personalidade dominadora e intensa, que grava as palavras e os gestos com o estilete da sinceridade, queimando as imaginações, esfarrapando os nervos. E eu sei bem como ela é e como ela representa: a alma toda á solta, os cabelos em vendaval, a bóca em cratera de beijos e de mordeduras, o corpo vibratil, serpente de anciedades e de fremitos, a arquear-se, a multiplicar-se, a ser linha, chama, haste, a ser carne, a ser aza, a ser lava, para nos trazer até ao intimo do espirito a marca mais aspera e mais dolorosa de emoção. Eu vejo-a, no *Mon homme*, *gigolette* de Paris figura depravada e fanática, mancha, negra e rubra, negra da noite, vermelha da tragedia; e vejo-a tambem na *Danseuse Rouge*, na sua grande criação de agora, cosmopolita, perturbante, indomável, orgulho e lama, suplicio e sadismo, garra e martírio, espia traiçoeira e malevola, com do-çuras tristes de madona violada.

Vejo-a, compreendo-a, espero-a. Até que ela surja na ribalta, fervorosa da arte e da vida, trepidante de desejos e de febres, ela fica sendo para mim, a *gigolette* que nos meus olhos traça o seu caminho de sombra e de naufragio, a dançarina rubra que nos meus olhos baila e envenena como uma Cleopatra maligna—*gigolette*, dançarina, mulhe- eterna, frescura eterna, eterna graça e eterno crime!

JOÃO AMEAL.



# A ENTREVISTA DA SEMANA

Os novos  
no teatro. Uma  
ingenua  
dramatica  
que  
segue a gloriosa



tradição  
de  
Rosa  
Damasceno  
e Leonor  
Faria.

## I L D A S T I C H I N I

**E'** com alegria, com precipitação quasi, que repouso uns minutos aqui a um canto discreto do «Trianon» para escrever estas duas linhas, que, pomposamente mascaradas de «entrevista da semana», vão acompanhar as fotografias de Ilda Stichini. Com alegria, com precipitação, porquê? Porque a leitora longinqua e recatada da provincia que se vae inclinar curiosa sobre estas expressões suaves da admiravel actriz, tem o direito de conhecer— e eu o dever de lhe apresentar — essa pequena mulhersinha morena que pisa o velho palco doirado do Nacional, nas cassas virgens da «Mariquinhas» do «Centenario», na dolorosa nobreza da «Simone», na magnifica paixão de «Lady Ward» da «Maison cernée» de Frondaie. E, porque tu, leitora, conservas como uma grata flôr de pureza, o horror declarado aos comicos e ás comicas, e foste educada

ainda no perfume de alecrim do «Sacré-Coeur» — eu quero-te dizer que esta encantadora portuguesa merece o teu carinhoso interesse de mulher, o teu comovido entusiasmo de artista. E sabes porquê? Porque esta mulher morena e graciosa de que te falo, tem a voz doce e clara de certas raparigas do campo, que reflectem o som da agua nas devesas, evocando pelas tardes as eternas harpeolias liricas da paisagem, e não me chames por isso romantico.

E' que esta mulher vagamente pequena, que eu já algures disse que ria com os olhos, com a boca, com todo o corpo, — tem ainda em si, aquele sabor de frescura e de encanto, que as flôres dos palcos, artificiais e murchas, perderam já ha muito. E' que esta mulher, sentimental e boa, tem, portuguesas que inclinais o dorso meigo sobre um berço de creança, ou enlaçais o pescoço dum homem



— um grande coração, para dizer-vos sôbre o palco — meio palmo acima de vocês—aquilo que vocês mesmas pensam e sofrem, aquilo que pôde ser a vossa íntima tortura, o vosso sonho claro e puro, o vosso sacrifício ignorado.

E' que essa mulher, artista cuja arte é o paradoxo eterno que nem por ser de Diderot deixa de ser de todos nós—nunca se esqueceu de que era mulher, para ser artista, e assim, a sua frescura que vae aqui anotada como uma legenda inutil, é talvez, na scena e na vida, a nota dominante e emprevista duma mulher, para a qual, deste canto discreto do «Trianon», requireiro e espero deferimento da simpatia das mulheres, que a dos homens está já assegurada...

\*  
\* \* \*

Por muito que estas palavras não sejam uma «entrevista da semana», eu sinto que, se já não ha muito interesse em descrever a eterna



A encantadora *Mariquinhas do Centenario dos Irmãos Quintero*

sala dos entrevistados, a sua «toilette» e as suas opiniões sobre os artistas novos, existe ainda muito boa gente, que por este buraco da fechadura dos artigos pessoais gosta de espreitar a historia íntima de cada um.

Para esses, dir-lhes-hei, que, no á vontade de familia, Ilda Stichini é apenas, com toda a simplicidade, com toda a ternura, uma boa mãe, pacata, vivendo arrumada numa gavetinha daquelas imensas comodas que são os predios das avenidas novas.

Foi uma actriz de revista, que toda a gente começou a verificar que era,

nessa amalgama de coristas onde se fazem as nossas estrelas revisteiras—alguem. Esse alguem, purificado, desinfectado, arejado,— como uma flôr de pureza caída num monturo, sobre cujas petalas privilegiadas a lama é apenas orvalho—renasceu, e foi, dentro do milagre de dois meses, uma estrela de declamação.

O HOMEM QUE PASSA.



Três cabeças de expressão da admiravel criadora da Lady Ward da *Maison Cernée*, de Frondale



# ULTIMO DIA DO CONCURSO HIPICO

Os "habits-rouges" e o "rouge" das mulheres. Elegancias da alta escola e a alta escola das elegancias. O "tout-Lisbonne". Sol, moscas e



grande mundo'. Agua de capinhada do "Triannon". Apostas de dez tostões e elegantes ministeriais.

--- Tres modelos modelares. Elegancia de etiqueta... Amieiro.



Uma parisiense... em Palhavã. Rue de la Paix que se converteu, para muitos olhos, numa Rue de la Guerre... guerra de curiosidades e interrogações.



Um concorrente que pôde muito bem ser o sr. Delfim Mala.



Quantas mulheres não ambicionariam para si um *Poirot* tão audacioso que as vestisse assim...



*Notas dominantes:*

*Uma queda elegante do sr. Eça de Queiroz; nos «habits-rouges», alguns maus hábitos... vermelhos; o sorriso do sr. Antonio Maria da Silva e as*



*lunetas do sr. Correia Barreto; toda a assistência da Baixa nas tribunas altas; amazonas a pé; aviadores que voam e cavaleiros que fazem a «terrissage»...*

Uma nota deste concurso como de todos os concursos. Afinal os melhores saltos são os que nunca se chegam a fotografar..

*A saída: máus encontros, pessoas desencontradas e bastantes encontros.*



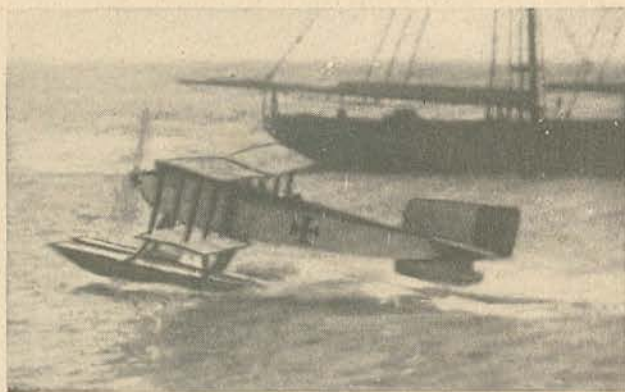
*Alguns automóveis sem patrões, mas muitos mais patrões sem automóvel.*

Um ramo de rosas brancas, surpreendido pela nossa objectiva—rosas que não murcharam apesar de um dia de sol



# AS ÚLTIMAS FOTOGRAFIAS DO AVIÃO “LUSITANIA”

É preciso que o espirito da raça se lembre de que foi o «Lusitania» a primeira galera heroica onde os avia-



A descolagem do avião de S. Vicente para a Prata de Cabo Verde

dores portugueses tentaram o «raid» formidável. Evocar o «Lusitania» é consagrar uma epopeia.

## ALGUMAS “ÈTAPES” DO “RAID”

Todos os portugueses tem acompanhado de alma e coração, com uma fervorosa devoção de sensibilidade, a audacia épica de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, dois nomes-legendas, que ficam definitivamente aureolados na tradição esplendida da Raça.

O «Lusitania», a primeira nau da aventura luminosa e magnífica — caíu, no caminho, como uma grande aguia ferida pela fata-



A chegada ao porto de S. Vicente

liade. Que importa? O heroísmo estoico das azas luziadas continua levantado ao alto, como um trofeu de estrêlas e de bandeiras azues. A conquista aérea do espirito português — a conquista maxima que lhe deu a realeza dos ares depois da realeza das ondas — continua fulgurar, olimpica e sobranceira, sobre todos os esforços e sobre todas as vitórias da civilização.



A partida para a Prata: o princípio do voo



# AMOR CRIULO

COMO E PORQUE ESCREVEU ABEL BOTELHO  
A NOVELA «AMOR CRIULO»—(«VIDA ARGENTINA»), QUE NÃO CHEGOU A TERMINAR. O DIS-  
FARCE DE UM GRANDE AMOR

## O FINAL DA OBRA: — UM SUICIDIO E UM REMORSO

O «Fatal Dilema» foi vertido para castelhano por D. Miguel A. Ródenas.

E o «Caras y Caretas», excelente magazine buonalrense, noticiando o aparecimento dessa versão, transcreveu um trecho que fez preceder de elogiosas referências a Abel Botelho afirmando-o respeitado e admirado na Argentina «tanto por sus dotes intelectuales como por su distincion como hombre de mundo». Abel Botelho era então nosso Ministro Plenipotenciário naquelas formosas regiões do Prata, «a magnica, opulenta, la codiciada tierra», como lhes chamára o imortal Guido y Spano. A sua obra literaria em Portugal corra, a principio, agitada e combatida e, por fim, discutida e consagrada.

Acoimavam de escabrosos todos os seus romances da série de «Pathologia Social» iniciada pelo — «Barão de Lavos», que teve quatro edições, e pelo «Livro de Aida» que não passou, por emquanto, da primeira. Quando appareceu o «A manhá», romance do proletariado, já na segunda edição como o «Prospero Fortuna», os criticos tinham mudado de opinião e proclamaram tratar-se de uma nova faceta da escola realista, com processos á

Flaubert, que Eça de Queiroz cultivára, por outro prisma, com supremo brilhantismo. Deixaram então os seus trabalhos de ser considerados como uma escusa andrologia, ou antes ephébolgia, de recantos e sombras indecisas e, como sucedera ao «Mulheres da Beira», foram logo festejados o «Sem remedio», o «Fatal Dilema» e «Os Lazaros», tambem na segunda edição. No entanto a sua obra de patologia social que alguém já comparou, em valor intrinseco, á «Comedia Romana», de Balzac, e aos «Rougon Macquart», de Zola, é, sem duvida, a maior e mais perfeita revelação do seu espirito de psicologo e moralista. Atacaram-no rudemente por ter saído fóra dos moldes usuaes todos cheios de convenções, de preconceitos e temores. Porque Abel Botelho escrevia, como sentia e julgava, deixando-se influenciar pelo ambiente de bohemia que, apesar de aparentemente austero, respirava quasi todas as noites. As caixas dos teatros, principalmente os córos femeninos, mereciam-lhe uma predileção muito especial confirmada até na Argentina. Maria Solá (para outros Soledad) que fizera parte do elenco dum dos nossos teatros, serviu-lhe de companheira assídua em varios passeios por Buenos

Ayres, facto esse que chegou a provocar murmúrio entre os mais puritanos da colonia portuguesa. Como diplomata e como escriptor obedecia apenas ao seu coração porque, no fundo, era um amoroso constante a despeito dos anos que o tocavam. Na epoca um que Felipe Trigo, Luiz Morote, Francisco Villaespeza e Manuel Verdugo nos visitaram, em nome dos intellectuaes da visinha Espanha, eramos algumas vezes companheiros nas mesas do «Martinho», nas visitas ás caixas do «Rua dos Condes» e «Avenida» e, depois, com Marcelino Mesquita e Fialho de Almeida, no perambular nocturno pelas ruas e travessas mal iluminadas no Bairro Alto. Recordo-me ainda de uma frase que Fialho proferiu então provocando uma gostosa e sonora gargalhada. Atravessavamos a rua das Gaveas na altura exacta em que, dias antes, uns rostos de francesas levianas haviam assumido a uma janela chamando a atenção dos que por ali passavam. Nesse tempo, rara era a semana em que não apparecia qualquer obra francesa traduzida por Braga que se dedicava apenas aos trabalhos literarios desse genero. Poucas noites depois de aqueta em que por ali passámos succedeu fazermos, todos quatro, o mesmo caminho e, na tal casa da rua das Gaveas, em vez das

francesas, surgiram umas autenticas saloias com leves toques de verniz da cidade.

Abel Botelho, reparando na brusca mudança das figuras voltou-se para nós e disse: — «Tem graça! Não moravam aqui umas francesas?!» Fialho, sem pestanejar, comentou, serenamente, com a ironia que todos lhe conheciam: — «Moravam, sim, mas o Braga passou por aqui, depois de nós, e traduziu-as». A ultima vez que vi Abel Botelho, em Lisboa, seguia ele, a cavallo, commandando uma força do Estado Maior, atraz do coche que trouxera D. Manuel II da sua aclamação nas Côrtes. Em Buenos Ayres fui encontral-o, em 1916, no «Magesica», o luxuoso hotel que lhe servia de residencia, mantendo lustruos e bem conservados os seus sessenta e um anos de idade. Porque o autor da «Fruta do Tempo» e da «Jocunda» e «Imaculavel», obras fallhas de teatro, cuidava muito do seu aspecto fisico, aperaltava-se a todo o momento e não queria parecer velho. Antes desejava que o julgassem no pleno viço dos vinte e cinco anos. Quando era aluno do Colegio Militar, da Escola Politecnica e Escola Superior de Letras, alcançou primeiros premios e, mais tarde, chegou a exercer importantes comissões, ainda na Monarchia, quer no Ministerio da

Guerra, quer no Commando Militar de Lisboa, quer ainda na reorganisação que fez, em 1907, dos serviços de administração do Exercito. Depois do advento do novo regimen foi eleito deputado por Chaves, presidiu á comissáo encarregada da escolha da nova bandeira (á qual Junheiro preferia a antiga com uma simples substituição da coró por estrelas), dos novos selos e da nova moeda. Em setembro de 1911 era nomeado Inspector Geral das Belas Artes e em outubro estava feito senador. Nomeado para o cargo de Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciário na China foi transferido, como primeiro ministro da Republica, para a Argentina, Chile, Uruguay e Paraguay, ficando-se em Buenos Aires. Partiu daqui, no «Avon», em 5 de fevereiro de 1912, por entre despedidas affectuosas. Estava pois habituado a ser querido, a vencer, a galgar rapidamente as posições mais elevadas e representativas sem que fizesse politica de qualquer especie. Isto deu-lhe uma grande confiança em si mesmo e emprestou-lhe um ar triumfate que logo se percebia nele. Espirito culto, de uma rara observação, sabendo vestir e despir os tipos e costumes dos meios que percorria, em fins de

1913, já a sua voz se fazia ouvir na Sociedade de Geografia de Lisboa dissertando sobre a Republica Argentina. A sessão foi presidida pelo Anselmo Braancamp e secretariado pelos srs. dr. Silva Teles e Ernesto de Vasconcelos. A direiia de Abel Botelho estava o sr. Sagastume, ministro argentino, e, á esquerda, o sr. dr. Afonso Costa. Nessa conferencia tratou da evolução economica que á Argentina tem sofrido e encarou os tres pontos principaes: a distribuição e valor da terra, a emigración e as communicações ferro-viarias. Quanto á distribuição da terra, declarou que ella está ainda longe de ter atingido o limite maximo da sua valorisação porque o que está hoje cultivado representa apenas um quinto da sua extensão. Disse que a Argentina é o paiz que mais exporta trigo, com referencia á sua extensão territorial; e afirma que na escala de produção mundial occupa o primeiro lugar. Referiu-se á prodigiosa riqueza agraria de aquele paiz, e, abordando a produção pecuaria, citou que á chegada á Argentina dos primeiros conquistadores espanhoes, não havia lá senáo a «Llama», a «Alpaca» e o «Guanaco». Foram eles portanto, disse Abel Botelho, que introduziram todas as outras especies que se multiplicaram e propagaram pro-



Abel Botelho



digiosamente, constituindo, em 1913, uma riqueza avaliada em 700 mil contos. Essa fortuna alimenta as grandes indústrias «saladeiras» e de carnes congeladas, cuja

trabalhar faz com que a luta se torne deveras difícil em virtude da concorrência de competências, sendo o ambiente declaradamente hostil ao imigrante fortuito. Não

obstante, os produtos mais reputados da agricultura e da indústria portuguesa, mal conhecidos ali, terão larga margem à sua expansão e valorização, logo que sejam coleccionados por uma criteriosa iniciativa. Para interessar a Argentina no consumo dos produtos portugueses e assegurar-lhe ali um interesse remunerador, torna-se indispensável que os nossos exportadores, com a patriótica cooperação do Estado, inaduguem uma nova época de comércio largo e sério e se empenhem não só em manter a genuidade dos produtos mas em tornar conhecidos, procurando o contacto directo com o consumidor, por meio de mostruários, reclamações, agentes especiaes e todos os mais meios eficazes de propaganda. As suas palavras foram por tal forma comentadas e aplaudidas na Argentina que, tempo depois, em 1915, Abel Botelho era convidado a inscrever o seu nome na série de conferencias do Museu Nacional de Belas Artes, em Buenos Aires. Foi um novo e ruidoso triunfo e trabalho que então apresentou sobre «A Influencia do genio lusitano na arte Iberica».

## EL DIARIO

Meo distinguido Sr. Botelho

Bo tarde el placer de recibir sus amables palabras recordando nuestra agradable entrevista en casa de Don Rui, hace unos dias. Bien presente nuestra conversacion y su generosidad, me ha sido sumamente grato tener noticias suyas.

Me interesacion en la novela del illustre amigo Botelho que tanto me honra con un afectuoso amistad, fue la que el Sr. Botelho me expusieron, localmente del Sr. Botelho y sus amigos, le algunos datos sobre el ambiente que bien que el la hubiera estudiado con aquella su genial comprension, pedian algunos detalles. Me pedia que libro? No tuve sino una copia de ella, la que se envia a la oficina del Sr. Botelho, los papales de Sr. Botelho y algunos otros que me envia. La Region de Portugal talo para siempre en un periodo que me fue muy favorable a esas investigaciones.

Del para del Sr. Botelho por Buenos Aires queda decirle que fue bien fecundo para la su carrera aqui de el espíritu y los libros por algunos, tendo aquel momento de el Sr. Botelho en un momento en los círculos intelectuales de la ciudad, me interesacion, me calidades de el Sr. Botelho, me pedia que libro? No tuve sino una copia de ella, la que se envia a la oficina del Sr. Botelho, los papales de Sr. Botelho y algunos otros que me envia. La Region de Portugal talo para siempre en un periodo que me fue muy favorable a esas investigaciones.

Yo voy siempre colaborando en el Sr. Botelho, haciendo la vida del periodista activo. Me acordado en los últimos años, me interesacion en el Sr. Botelho, me pedia que libro? No tuve sino una copia de ella, la que se envia a la oficina del Sr. Botelho, los papales de Sr. Botelho y algunos otros que me envia. La Region de Portugal talo para siempre en un periodo que me fue muy favorable a esas investigaciones.

Aqui en Buenos Aires, en el Sr. Botelho, me pedia que libro? No tuve sino una copia de ella, la que se envia a la oficina del Sr. Botelho, los papales de Sr. Botelho y algunos otros que me envia. La Region de Portugal talo para siempre en un periodo que me fue muy favorable a esas investigaciones.

Abel Botelho

Buenos Aires, Octubre 7. 1915

Descreveu depois a tenda do Tusubeador, fez a apologia dos primores de educação e caracter da sociedade argentina e chegou a concluir que: — a Argentina, produtora, quasi virgem e pouco povoada, exerce uma poderosa acción centripeta sobre os outros povos da terra e constitui um como que laboratorio colossal, em cuja actividade se precipitam e se fundem os homens de todas as racas, atraidos pelo delirio combativo da ambicao e da riqueza. Em virtude da poderosa torrente desta aluviao humana, a Argentina intensifica, por meio de grossas camadas, o sedimentamento do seu nucleo vegetativo e va crescer assombrosamente o seu progresso material, sendo já o terceiro paiz, sul-americano em importancia comercial, logo a seguir aos Estados Unidos e ao Canada. A abundancia da oferta, tanto de capitais como de braços para

para a qual Abel Botelho deixava de ser convidado. Tomava parte até nas mais intimas e menos portuguesas como sucedeu, por exemplo, na que o il-



terato chileno Alberto del Solar, como membro da Real Academia de España, deu em honra de Ortega y Muñilla, Ortega y Gasset e Eduardo Marquina, o nem sempre feliz traductor de Junqueiro, que se encontrava então, em Buenos Aires como director intelectual da empresa dramatica Guerrero y Mendoza. Nessa noite, Marquina, rodeado das maiores figuras intellectuales, politicas e sociaes sul-americanas, leu um fragmento do seu romance «Mio Cida». Conversámo-e, por vezes, sobre Portugal e sempre nps olhos de Botelho brilhava um raio de saudade, a evocação que surge nos trabalhos litterarios que por lá produziu. Porque, como disse João Grave e muito acertadamente, tudo aquilo era — «escrito longe da sua terra e da sua gente mas sempre com a imaginação e os olhos postos na Patria distante.»

Falámos tambem sobre o Brasil e foi com effusiva simpatia que recordou a viagem official que ali fizera, com Ernesto de Vasconcelos e dr. José Lobo de Avilla Lima, na missão intellectual enviada, em 1910, pela Sociedade de Geografia de Lisboa. E, a proposito, comentámos a má impressão causada na imprensa do Rio de Janeiro por um pretenso acto de Alexandre Braga, na Argentina, quando ali fôra fazer conferencias, contratado pelo empresario Figueirôa que o acompanhava.

— «Mas não! — dizia-me Abel Botelho. O Brasil não tem razão para taes accusações porque o Alexandre Braga não pretende desviar de lá a emigração portugueza. Ha aqui um mal entendido que é preciso desfazer. O Alexandre foi apresentado ao Heliodoro Lobos ministro da Agricultura e este fez-lhe saber a necessidade que os campos argentinios sentiam da persistencia e esforço do braço portuguez. Talvez se deva esse retraimento, em grande parte, á falta de verba que a Argentina possui para o trabalho dos imigrantes — comentou Alexandre Braga.»

«La Prensa», noticiando a entrevista, deu a entender que a corrente emigratoria lusa iria ser desviada para aqui e logo surgiram os doestos e as susceptibilidades ofendidas. Como vê, sem razão. Para confirmar porém o ataque ao Alexandre deu-se a fatalidade do dr. Luqui ter encontrado o Augusto C. da Costa (da firma da Costa & Cotele, na Calle Venezuela) á saída da Municipalidade e ter havido uma troca de impressões que pareceram justificar o que dissera «La Prensa» e que tambem se tornaram publicas.»

Esse mal entendido fez com que Alexandre Braga, no regresso da Argentina, fosse moralmente impedido de desembarcar no Rio de Janeiro, motivo porque surgiu em sua defeza no artigo que assinei no «Portugal Moderno», de Luciano Fataca, preparando-lhe, assim, o campo sereno que encontrou quando voltou, mais tarde, ao Brasil com Marcelino de Mesquita, Augusto Gil e Fausto Guedes Teixeira.

No fim da conversa tínhamos terminado tambem a «ensalada de fructas, estilo brasileiro» (0,40 centavos) que provocára estas recordações referentes ás terras brasileiras.

Entre um «ciáu!» ou um «chô!» e um «como te vás?» de gente conhecida, ou ainda duas ou tres «macanas» (mentiras) fazendo blague em resposta a um «que tal?» «Que se dice de bueno?» — continuámos a palestra já então derivada para outros assumptos. Recordámos o nosso «Renacimiento latino», aquela revista que, com Villaespeza, sonhámos sustentar em Madrid, e da qual saíram apenas uns numeros mas onde «La Esfera» foi buscar, indirectamente, o seu berço.

MARIO MONTEIRO

Da Academia das Sciencias de Portugal

B Aires, July 15-1916.

Buenos Aires é a Carthago moderna, a grande cidade de trabalho e de esperanca, o simbolo da abundancia paroxistica, do homem prospero na terra magnanimamente, a metropole ideal da magnificencia e da fortuna, da opulencia e da beleza.

Abel Botelho

(Conclue no proximo numero)





# INTRUSAS

**P**ARTI! Não mais canteis á minha porta,  
doce lembranças de um viver feliz;  
toda a ventura que esse canto diz  
para mim hoje é uma ventura morta

Porque á minh'alma nada já importa!  
De quanto outr'ora mais amei e quiz  
triste rosario de lembranças fiz,  
que á noute reso, mas me não conforta.

Deixae-me ; que eu bem sei que n'alguin dia,  
(bem sei... mas eu não quero recordar,)  
era por outros olhos só que eu via,

e me sorria Deus em outro olhar ;  
mas hoje que perdi toda a alegria,  
não quero á minha porta ouvir cantar.

PALMVRA DE SANTA RITA

*Traduzido da Vicomtesse de Bouje*

(Desenho de Bernardo Marques)

BM





## INDÍLIO DA ESTATUARIA

Para ALFREDO PIMENTA

O jardim era uma orgia, uma orgia de tons suaves... O jardim era uma festa, um incêndio de corolas... Havia orquídeas de seda, de uma agilidade mágica... Havia nardos de gelo, de uma morbidesa trágica... Nardos que eram *pierrôts* sob o luar de mel e opala; nardos que eram soberanos, cheios de orgulho e de gala...

E entre todas as flôres moças, entre as flôres esbeltas, leves, entre as flôres que se pareciam com flocos vagos de espuma, flocos de espuma aromática, de uma esbelteza enigmática — entre as flôres de veludo, olímpicas e fátuas, vivia o grande mundo imóvel das estatuas...

\*  
\* \* \*

As estatuas eram graves, melancólicas, soturnas — como pétalas glaciaes, sonolentas, taciturnas...

E as estatuas, nos lagos de alabastro, miravam-se como almas flutuantes, como brancas imagens ondulantes, que se não alcançavam nem cingiam, e que se namoravam, doidamente, do alto dos seus plintos neurastênicos...

E as estatuas olhavam, namoravam — sem poderem

sequer possuir-se um dia; dar movimento, febre, sensualismo, aos seus corpos desnudos, doloridos, aos seus corpos de neve e de martírio, corpos onde os sentidos eram presos como em jaulas solenes de cristal...

Havia entre o conjunto sereno das estatuas, entre o conjunto austero, de marfim, um moço gladiador de olhos em sol, de veias anelantes, impulsivas, e de desejos cálidos, sem fim...

E nas tardes dramáticas e lentas, nas tardes de tragédias sonolentas, o gladiador perdia os olhos fixos numa sereia lubrica de mármore, que lhe erguia os desejos numa onda e os estendia em longos crucifixos...

E a sereia parecia compreender; parecia compreender e responder. E a sua graça felina de pantera dava a impressão de se tornar mais sabia, oferecendo-se, em chamas de promessa...

E era como um martírio fantástico e solene o idílio das estatuas escravas do silêncio, escravas da grande algema da sua quietação, olhando-se, bebendo-se, encadeadas, lívidas, como narcisos encadeados, prisioneiros...

... Enquanto, num poente de calvário, o sol era um sudário, um relicário...

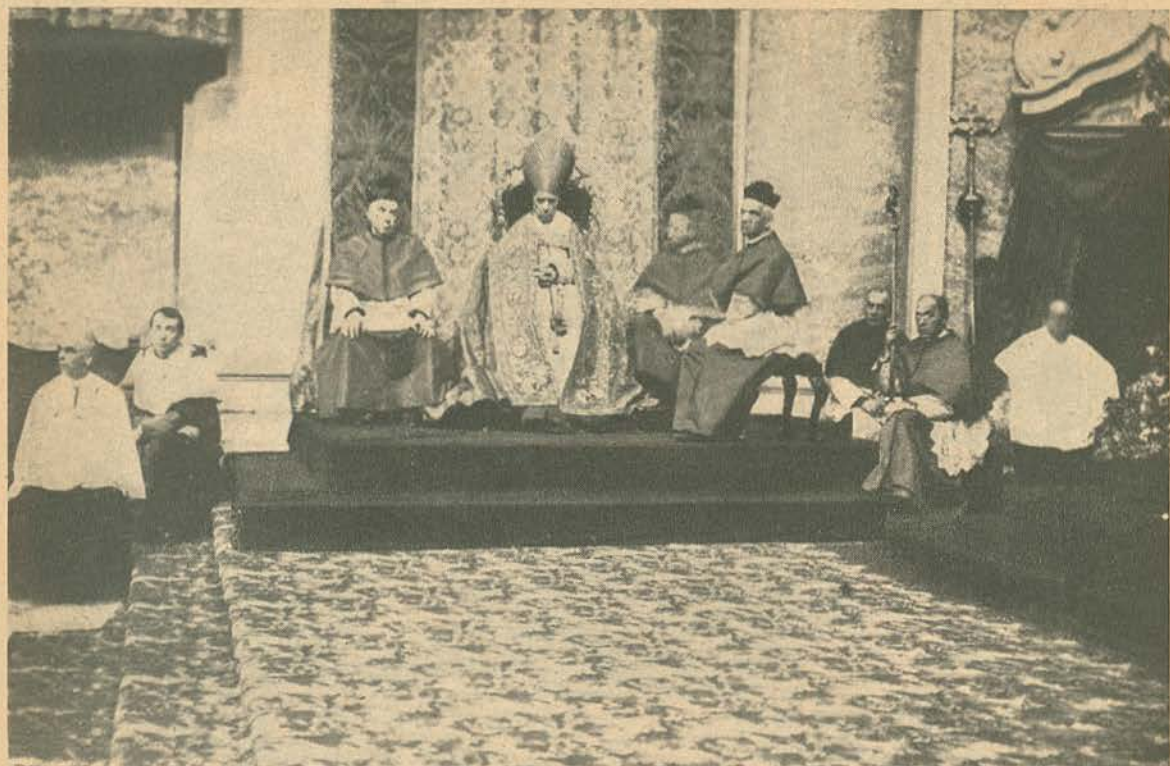
João AMEAL

(Dum livro inédito de prosas ritmadas)

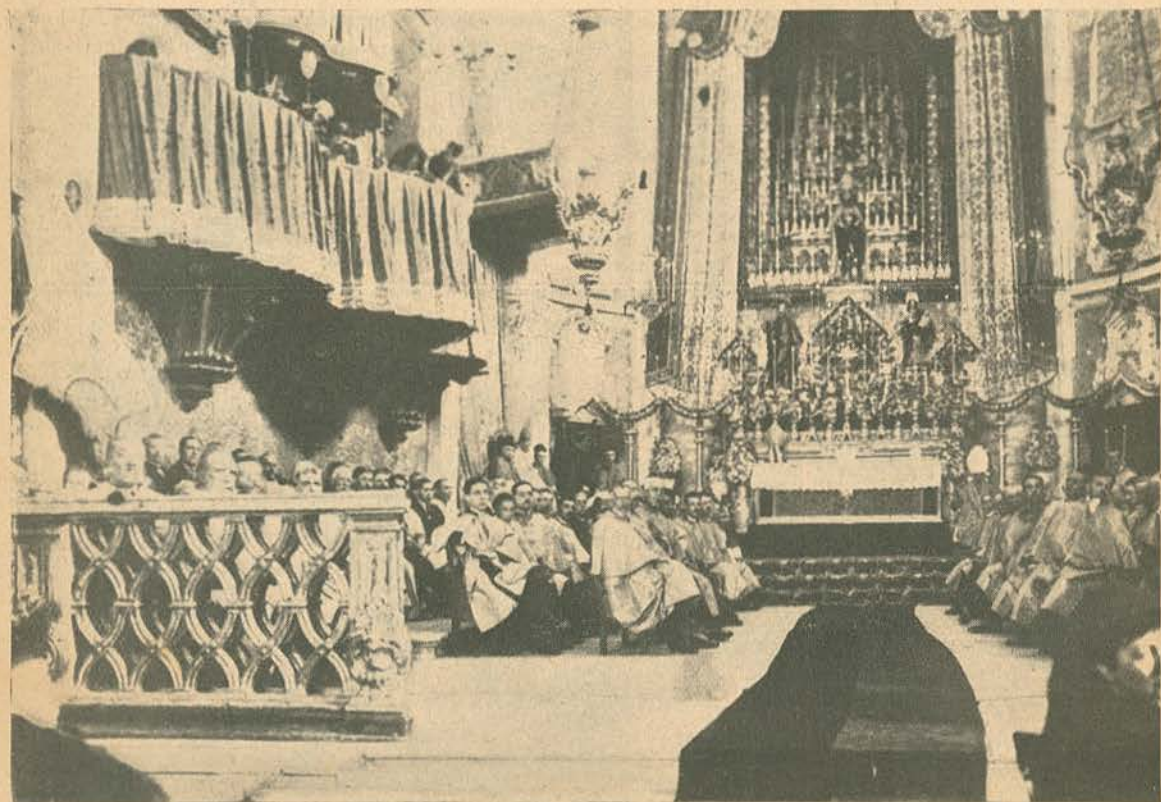
Ilustração de BERNARDO MARQUES



A FESTA DO SENHOR DOS PASSOS DA GRAÇA



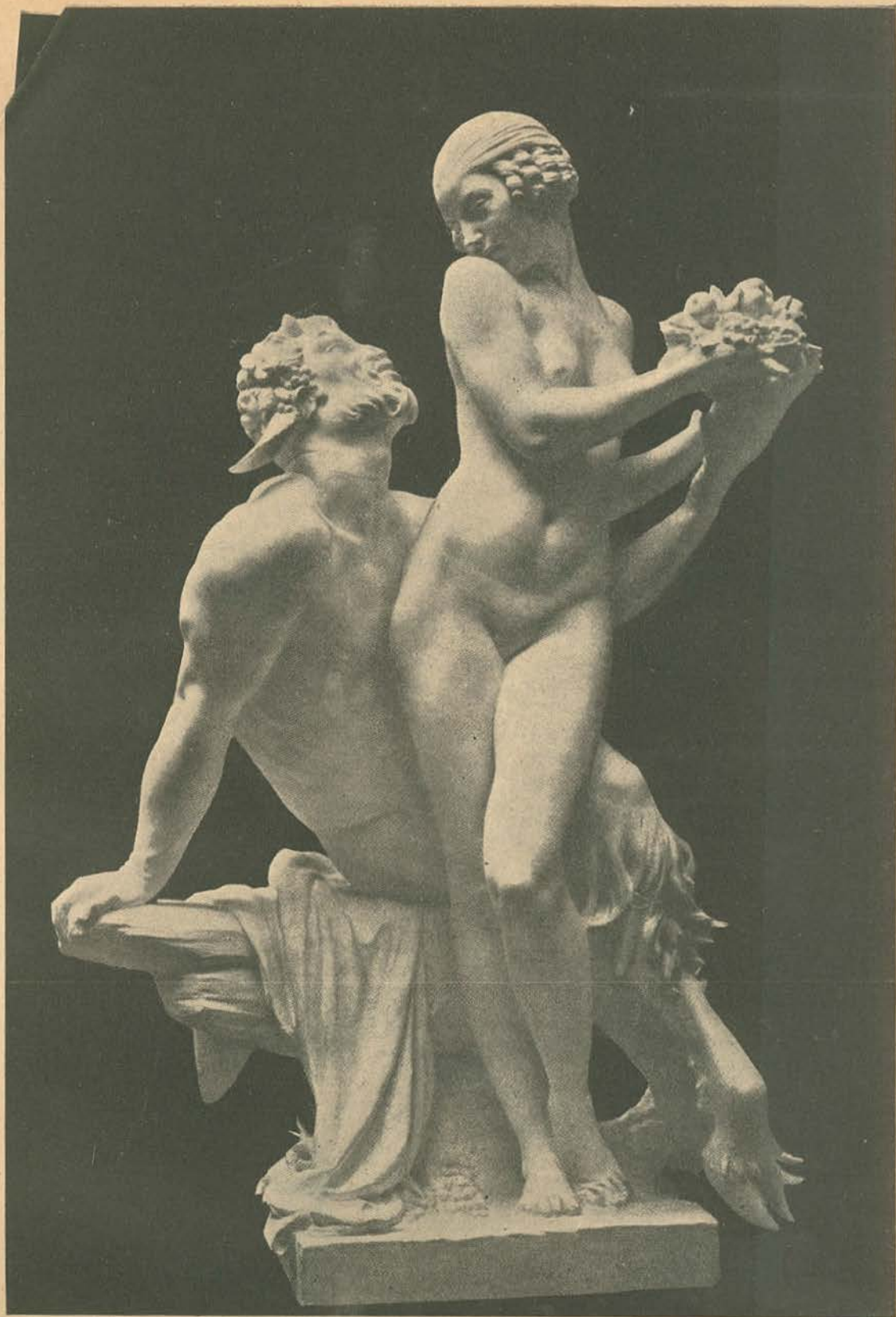
O cardeal patriarca de Lisboa, senhor D. Antonio Mendes Belo, ladeado pelos conegos assistentes



Aspecto do templo, durante o sermão do senhor bispo de Beja, vendo-se ao fundo o altar-mór

(Viches Salgado)





A NINFA E O SATIRO

Obra do escultor americano Edward Mac Cartan, destinada a uma alca luminosa e frésca de jardim



# A SEMANA HUMORISTICA

## A BLAGUE DA SEMANA

### A nova guerra

A paz internacional está na eminência de ser sacudida, mais uma vez—por uma nova guerra. Pelo menos assim o dizem os últimos telegramas recebidos. Mas uma nova guerra entre quem? Mas uma nova guerra porquê? É fácil. Entre a França e a Inglaterra—por uma questão de saias. Os costureiros de Paris impõem as saias compridas—os costureiros de Londres exi-



**Medicina infalível**

—Está preso! Porque é que atirou a sua mulher pela janela fora?

—Porque o médico me disse que precisava tomar ar.

(de Ki-Hito no *NUEVO MUNDO*)

gem as saias curtas. Suspendeu-se a conferencia de Genova. Lloyd George conferenciou já com Poincaré. A não se encontrar uma solução conciliatoria— as hostilidades romper-se-hão, dentro de quarenta e oito horas. E qual é, no meio disto tudo, a opinião das mulheres? As mulheres estão dispostas, para ser agradavel ás duas partes, a descer as saias em Paris—e a levantar as saias em Londres... A vêr vamos— pelo menos a Londres...

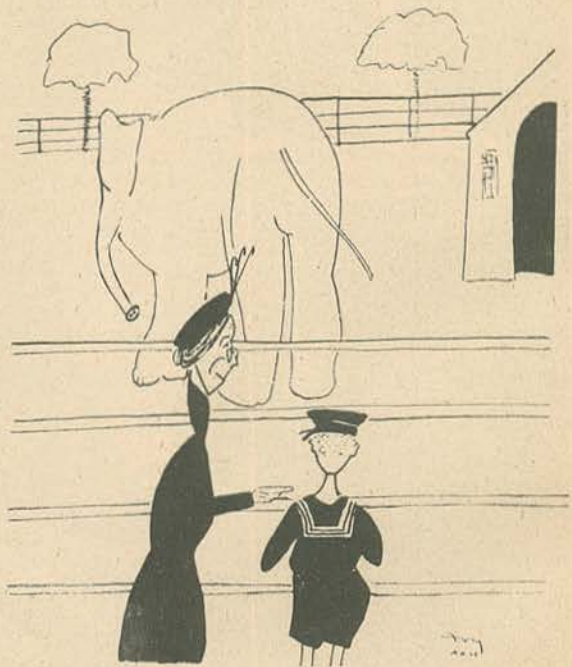
LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES



**Normalidade**

—Nesse estado?! Foste atropelado?

—Não te affijas, homem. Não é nada de maior. Regresso das sessões da Câmara...



**Zoologia infantil**

—Olha, olha, mamá, um animal com dois rabos!...



# A CAMINHO DO BRASIL



LUCILIA  
SIMÕES

ANTONIO  
FERRO



**R**EALISOU-SE, na noite de 1 de maio, no «restaurant» Tavares, o jantar de despedida a Antonio Ferro.

Foi uma bela demonstração de camaradagem e apreço pelo talento do brilhante artista da «Leviana» e do «Gabriel d'Annunzio e Eu».

A sala apresentava um aspecto admirável de mocidade e alegria. Estavam presentes mais de setenta pessoas, todas unidas no mesmo impulso efusivo de confraternização.

Brindaram a Antonio Ferro, pelo bom exito da sua viagem ao Brazil, em palavras cheias de confiança e admiração, os srs. dr. Gomes Mota, João Ameal, dr. Mario Monteiro, Leal da Camara, Rui Coelho, José Dias Sancho, Afonso de Bragança, Oliveira Guimarães, José Sarmento, Urbano Rodrigues, Cottinelli Telmo, José Pacheco e Georgeanto de Avelar. O sr. Vitor Falcão fez um brinde ao pai de Antonio Ferro, que estava presente.

No final, Antonio Ferro respondeu aos oradores num discurso vibrante, cheio de elevação literaria, sendo calorosamente aplaudido por toda a assistencia.

Foram recebidas muitas cartas e telegramas de saudação, dentre as quais destacamos os de Rosny Ainé, presidente da «Societê des Amis des Lettres Françaises»; conde de Sabugosa, Trindade Coelho, João de Barros, Alfredo Pimenta, Aquilino Ribeiro, Sousa Costa, dr. José de Arruela, dr. Samuel Maia, Pedro de Menezes, Manuel de Sousa Pinto, Mario de Figueiredo, Ernesto de Melo e Castro, Afonso Lopes Vieira, Antonio Vaz Pereira, Ilidio Perfeito, João Vaz, João Maria Ferreira, Carlos Leal, Nogueira Junior, Boto de Carvalho, Armand Basto, Mario Vaz, Mario Alves Pereira, Guilherme Filipe, Artur Maciel, Família Lima Cruz., Norberto de Araujo, Heitor Antunes, Mario Eleuterio, Antonio Araujo, Carlos Cacela, João Lopes, Antonio Alves, Ester Leão, Mario Azenha, Higino Pessoa, Luiz de Montemor, Martinho Nobre de Melo, Augusto Pina, Rocha Juníor, Antonio Cabreira, Ruy Vaz, Joaquim Leitão, Acacio de Paiva, Arnaldo Forte, Alfredo Candido, Rodrigues Alves, Lourenço Rodrigues, Cesar de Frias Silva Passos, Maria de Lourdes Cabral, Julião Quintinha, Tereza e Maria Luiza Barros, Raul Gilman, Vitor Sobral de Carvalho, dr. Bento Coelho da Rocha, José Parreira, Ruy Gomes, Alvaro Belo Pereira.

O sr. José Sarmento representava a «Casa dos Jornalistas» e o sr. Avelino de Almeida representava o *Seculo*. Ao homenageado foram oferecidos,

da parte de algumas senhoras da nossa primeira sociedade, muitos ramos de flores.

Assistiram ao jantar os srs.:

Capitão de fragata Filomeno da Camara, Gualdino Gomes, Leal da Camara, José Sarmento, Avelino de Almeida, Gomes Mota, João Ameal, José Pacheco, dr. Antonio de Menezes, Vitoriano Braga, Erico Braga, dr. Horta e Costa, Fernando de Macedo, Ribeiro Lopes, Afonso de Bragança, Vitor Falcão, Carlos Porfirio, Antonio Soares, Jorge Barradas, Cottinelli Telmo, Assis Esperança, Alfredo Ary, Francisco do Amaral, Rodrigues Leal, dr. Mario Monteiro, Domingos Afonso, Bernardo Marques, Antonio de Monsanto, Augusto de Santa Rita, José Dias Sancho, Rebelo de Bettencourt, Manuel Colares Pereira, José Bruges de Oliveira, D. Sebastião Pombal, Alejo Carrera, Garcia Robles, Carlos Córado, dr. Miranda e Sousa, Rocha Vieira, dr. Alberto Amado, Apeles Espanca, Castilão de Almeida, D. Francisco de Noronha, Americo Durão, Lopo da Camara, Teofilo Duarte, dr. Miguel Crespo, Georgeanto de Avelar, Pimenta da Gama, Ruy Coelho, Luiz de Oliveira Guimarães, Antonio Joaquim Ferro, Pedro Ferro, dr. Augusto Cunha, dr. Ferreira de Sousa, Santos Vieira, dr. Feliciano Santos, Urbano Rodrigues, Vitor Lopes, Agostinho Fernandes, Francisco Bertrand, Sanches de Castro, Salgado, Luiz Macieira, dr. Jorge de Faria, Gonçalo Melo Breyner, Henrique Roldão, Armando Ferreira, Cardoso Marta, Raposo Botelho, etc., etc.

O jantar, que decorreu com a maior animação, constituiu um belo triunfo para a geração nova, na pessoa de Antonio Ferro.

\*  
\* \* \*

No dia 7 de manhã, Antonio Ferro partiu, com a companhia Lucilia Simões-Erico Braga. E' para louvar a ideia da empresa em levar consigo o espirito admiravel e moderno de Antonio Ferro.

Na despedida estavam algumas dezenas de pessoas que saudaram com fervorosa emoção os que se afastavam sobre a agua, na grande tapeçaria loira do sol.

Lucilia Simões, a grande atriz, terá, no Brazil, uma consagração a mais, uma bela aureola a mais de prestígio e de aplausos.

Antonio Ferro será uma surpresa primeiro para o publico do Brazil—mas, em breve, dominados pela sua forte e original personalidade todos os braços se estenderão para o aclamar e todas as bocas se iluminarão para lhe sorrir.





# ESTRANGEIRO



Decididamente o Sr. Tchitcherine chegou a Genova, falou e venceu...

Quem nos diria isso quando o sovietismo moscovita o enviou, lá de longe, das sombras ensanguentadas do Kremlin, por entre muitos receios de que a burguezia ocidental e, sobretudo, os russos czaristas emigrados escolhessem os seus emisarios á grande conferencia para victimas expiatorias dos seus crimes vermelhos!... Então, ao dar-se o primeiro contacto com o ocidente, a delegação russa fez-se rodear de mistério e cuidado, de guardas especiaes e portas blindadas. Logo isso começou a despertar a curiosidade. Era o fruto proibido, e o fruto proibido ainda é sempre o que tem o mais perturbante sabôr, o que provoca a melhor extase.

Depois... o Sr. Tchitcherine falou e venceu. Falou, sorriu, e tomou parte no sumptuoso almoço que, a bordo do *Dante-Alighieri*, o rei Victor Manuel ofereceu ás delegações. As noticias são unanimes a confirmar que tanto o Sr. Tchitcherine como o Sr. Krassine trajavam muito elegantemente, e tinham luvas grís... O rei disse-lhes: «Estou encantado por os conhecer.» O Sr. Tchitcherine respondeu: «As demonstrações populares d'hoje provam bem que sois o pae do povo italiano.» E as aguas do golfo de Genova estavam deliciosamente azues...

E' o fruto proibido, e como tal a mulher, a mulher de hoje, enervada e enervante, perturbada e perturbante, já imenso se interessa por esse bolchevismo todo. No curso—pode-se dizer elegante—que o Sr. Rakowski faz á hora do chá, no Grande Hotel, nunca falta o elemento feminino. E em breve veremos em todos os grandes centros hyper-civilizados, nas tardes de inverno, todas essas elegantes bonecas, embrulhadas em preciosas peles, com muito rouge nos labios, e os olhos misteriosamente sombreados, exclamar: «Oh, mais c'est qu'il a du charme, le bolchevisme!»



Uma caricatura de Tchitcherine pelo grande desenhista francês Rolf Roth

Mas onde tais manifestações teem tomado um grande aspecto, de multidão unida, ondulando pelas ruas burguezas, com o estrelado estandarte do sovietismo á clara luz do dia, tem sido em Berlim, na capital dessa Alemanha que em Rapallo deu o abraço da boa aliança á Russia do Sr. Lenine.

Até onde irá subindo a onda?

\* \* \*

Esta não é bene trovata, pois é o mais autentica possível, e pela personagem central pode até vir a ficar historica.

Ha tempos, Clemenceau, o Tigre octogenario, passeava burguezmente num dos mais populares jardins de Paris. Certo momento, junto d'ele passa uma joven *maman*, que ao vê-lo diz para a sua filhinha:

«Foi aquele senhor quem salvou a França.»

E perante a sua alma passou certamente, com bandeiras desfraldadas, a tragica visão dos cinco anos de guerra...

Mas eis que a pequena pergunta: «Salvou a França, como Joana d'Arc?»

«Sim, minha filha.»

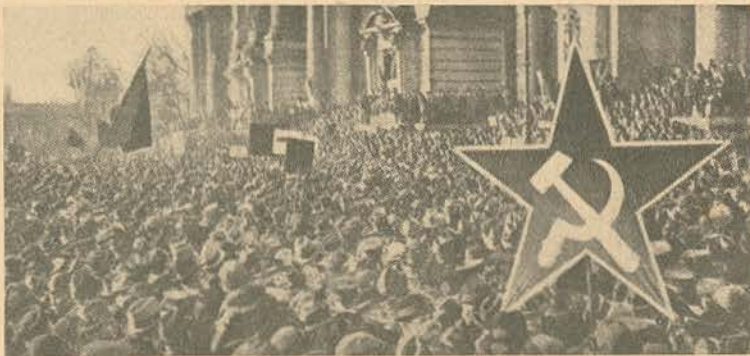
«Então porque é que o não queimaram?» foi a subita réplica da criança.

Esta aventura, sucedida, num jardim popular de Paris, contou-a o proprio *Pai da Vitoria*, ao vêr-se atacado duramente pelos adversarios politicos, para mostrar que está pronto a sofrer o ultimo sacrificio que lhe falta, para as crianças de Paris acreditarem que ele salvou a França... como Joana d'Arc.

\* \* \*

Diz-nos uma lenda muito divulgada—deve ter nascido entre as verdes oliveiras da antiga Hèllade, ou nas margens dos tranquilos lagos de Italia—diz-nos uma lenda que, no instante de morrer, o cisne lança o seu canto de saudade.

E a conhecida lenda ocorre-nos agora que em Monte Carlo se cantou, num lindo *décor de mise-*



Uma manifestação bolchevista, com o respectivo estandarte, em Berlim

\* \* \*

Não se julgue, comtudo, que o bolchevismo, ao ganhar esta nova estranha face, tenha perdido o seu caracter essencial de féra á solta pelas ruas, de féra vermelha, não do vermelho obtido por meio do *baton*, mas sim por autentico sangue de gente.

Ainda ha poucos dias, em pleno Paris, uma viva manifestação comunista terminou com póças de sangue. Talvez nessa mesma hora os delegados de Moscow estivessem fazendo diplomacia sorridente com Monsenhor Signori, purpurado arcebispo de Genova...

*en-scène*, e com artistas privilegiados, uma derradeira opera de Massenet, que o grande mestre do teatro lirico tinha expressamente guardado para só ser cantada depois da sua morte. Intitula-se *Amadis*, e a acção do libretto passa-se em plena aurora da idade-media, num mundo de cavalaria e fantasia, lembrando logo o ambiente da Tavola Redonda.

Como grande cisne musical da raça latina, Massenet quiz, todavia, que as notas do seu derradeiro canto só cortassem o espaço depois da sua morte. Quiz ter a ilusão de que o corpo se fôra para a noutra da terra, mas que a alma ainda ficava a gosar o sol da França...





## Uma notavel exposição d'arte aplicada



**H**ELENA ROQUE GAMEIRO, a artista admiravel da agua-rela que o Brazil glorificou definitivamente, aparece-nos agora como professora dirigindo um curso oficial de bordados.

A pintora que soubera chamar sobre a sua obra as atenções da alta critica e dos melhores amadores, essa excepcional artista que tinha a «bonne chance» de vender os seus quadros numa hora, voltou um pouco da sua actividade para a direcção de trabalhos femininos. A arte aplicada, que entre nós quasi tem sido exclusivamente arte mal aplicada, acaba de nos ser revelada por uma forma notavel com a exposição da Escola Oficial da Rua de Santo Ambrosio, porque, é bom que se saiba, essa escola é uma das mais modernas e mais curiosas obras



da Republica. Foi o Dr. Azevedo Neves que, quando ministro, pensou em crear uma officina-modelo, onde verdadeiros artistas dirigissem para um aperfeiçoamento de gosto maior, os artefactos populares e os trabalhos da mulher. A aula de bordados foi entregue a Helena Roque Gameiro, e a sua primeira prova deu-a já a illustre artista e infantigavel trabalhadora. A's nossas leitoras de Lisboa recomendamos uma visita ao magnifico palacete de Santa Isabel, onde se acha instalada a nova Escola. A's nossas leitoras da provincia recomendamos apenas, e infelizmente, que retenham o nome de Helena Roque Gameiro, e que passem os seus olhos pelas nossas gravuras, que embora palidamente, refletem um pouco da vivacidade, da frescura e do encanto dos deliciosos trabalhos expostos.







**Os sports:** uma fase emocionante do *match* «Lisboa-Bemfica» contra «Casa Pia», dois dos nossos melhores *teams* de «foot-ball»

**A**DOLFO Vieira da Rosa dirige em Portugal os serviços da importante agência mundial de informações «United Press». Jornalista consciencioso e sensato, viveu durante muitos anos em Paris, trabalhando pela profissão e fazendo-se estimar. Foram notáveis as suas re-



portagens da Conferencia da Paz. Adolfo Vieira da Rosa, bom portuguez, é uma das excepções honrosas á regra quasi geral dos correspondentes dos jornais estrangeiros que exportam para além - fronteiras, sem o menor escrupulo. atoardas insidiosas a proposito de Portugal.



# A PEROLA NEGRA

Aventuras, emoções, tiros de  
revolver, gritos de amor e  
de tragédia...



**SATANELA** e **AMARANTE** teem, na *Perola Negra*, duas curiosas e notáveis criações. Ela, uma selvagem amorosa e alucinada, com paixão, heroísmo e ódio, na sua alma em tempestade. Ele, um *cow-boy* invencível, com um sorriso e uma audácia a fulgurar-lhe sempre na expressão. Satanela e Amarante



ofereceram gentilmente á *Ilustração Portuguesa* os seus retratos em travesti. A *Ilustração* agradece muito reconhecida á *Perola Negra* e ao seu heroe...



# As doze aventuras dos ANÕES DA CAVERNA

## I-O ANÃO E A RAPOSA

O mais velho dos anões da caverna chamava-se Palonso e era o menos esperto de todos os irmãos. Poz-se a caminho sem esperança de vir a realizar qualquer grande façanha.—«Eu sou muito estúpido e não poderei nunca governar bem a minha vida!»—dizia ele, com os seus botões, a todo o momento. «Assim como assim, preferia deixar-me estar na Caverna, com os meus simpáticos manos!» Mas o destino obrigava-o a ir correr mundo...

Seguindo sempre pela floresta, passou dias e dias sem encontrar ninguém. Uma tarde, já fartinho de caminhar, sentou-se á beira d'um talude. Quando menos esperava, viu que se dirigia para ele uma grande raposa. Como não tinha nada para se entreter, o anão Palonso gostou do encontro e logo entrou em conversas com a raposa. E, como não tinha «papas na língua», contou-lhe tudo o que acontecera.

Disse-lhe que o Genio da Floresta lhe dera o poder de passar por todos os sitios sem ninguém o ver ou então de se transformar em qualquer animal. Para is-



so, bastava enrolar ao pescoço um cabelo verde que pertencera a uma Feiticeira do bosque. A raposa ouviu, mas, sendo velhaca como todas as raposas, resolveu logo pregar uma partida ao anõesinho que era Palonso de nome e «palonso» a valer. Quando ele acabou de falar, disse-lhe:

«Pois, amigo Palonso, eu se fôsse a ti transformava-me já n'um coelho. Queres que explique porque faria isso? Nesta floresta ha muitas feras e tu podes encontrar-te, d'um instante para o outro, com alguma que te mate e te saborei depois como um bom petisco. Mesmo que possas tornar-te invisível, os leões teem muito faro e lá iam dar contigo. Ora, se tu fosses um coelho ninguém te ligava importancia. Um coelho é um animal pouco apreciado pelas feras...

O que a raposa não dizia era que os coelhos são muito apreciados pelas raposas...

O anõesinho não quiz ouvir mais nada e, apressando-se a seguir o mau conselho da velhaca, desen-



rolou o cabelo verde da feiticeira e transformou-se logo n'um belo e gôrdo coelho branco.

A raposa teve um sorriso de satisfação e imediatamente o agarrou pelas quatro patas, dirigindo-se para a sua toca. Pelo caminho, foi-lhe dizendo que esta vida não é para os parvinhos e que ia assá-lo para o jantar d'ela e da sua familia.

Quando chegou á toca, o raposo seu marido es-

fregou as mãos de contente e os filhos deram pulos de alegria. O anõesinho Palonso—o grande coelho branco—foi atirado para um canto, onde ficou a chorar a sua triste sorte. Com as patas amarradas, não podia pensar em fazer qualquer tentativa para se livrar da morte. Como fora pateta! O que diriam os



manos, quando soubessem?! Enquanto assim matutava, o coelho reparou n'uma galinha amarela que estava, muito triste, empoleirada a um canto.

Naturalmente, é outra victima da raposa, pensou o anõesinho. E, como visse que a familia dos raposos estava entretida a pôr a mesa, foi-se chegando, aos pulos, até junto da galinha. Quando já estava perto d'ela, perguntou-lhe, em voz muito baixa, porque razão tinha um ar tão apoquentado. Se te parece!—respondeu-lhe a galinha.—Imagina que o raposo roubou-me, hontem á noite, da minha capoeira e reservou-me para a sobrezeza do jantar de hoje. «Consola-te comigo»—retorquiu o anõesinho. E contou-lhe logo toda a sua vida.

Então a galinha teve uma grande idéa! Porque motivo não se transformava o anão em lobo e não matava, n'um abrir e fechar de olhos, a familia dos raposos?! Para isso bastava—não é verdade?—desenrolar o cabelo verde que tinha enrolado ao pescoço.—Pois bem: ela se encarregaria de tudo... E a



galinha, sem que os raposos dessem por isso, estendeu o bico e pegando com ele na ponta do cabelo, começou a desenrolar este com todo o cuidado; em seguida, enrolou-o em volta d'uma das patinhas da coelho. Imediatamente ele se transformou n'um lobo de meter medo. D'um instante para o outro, era uma vez uma familia de raposos.

O lobo matou-os a todos e se não os comeu foi para não apanhar alguma indigestão. Depois, a propria galinha, servindo-se novamente do cabelo, ajudou o lobo a retomar a figura do anõesinho Palonso. Convencido de que já realisára uma boa façanha—pois os raposos roubam todas as capoeiras da gente rica e pobre—o anão, levando debaixo do braço a galinha que o salvára resolveu-se a voltar para trás e ir esperar os manos para o local combinado. Mas, o que teria acontecido aos outros anõesinhos?

THEREZA LEITÃO DE BARROS

(Continua)

Desenhos de Rocha Vieira



NO dia 29 de abril, teve lugar, em S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria del Consuelo Fernandes Mera, filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria del Guadalupe Fernandes Mera e do sr. José Afonso Mera, já falecido,



com o sr. David Benito Bris Garcia, filho da sr.<sup>a</sup> D. Francisca Benito Garcia e do sr. Matéo Garcia, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o sr. Silvare Bessier e o pai do noivo.



### Marquez d'Argenson

E' o autor do admiravel romance «Pénombre», recente éxito parisiense. Descendente duma das mais illustres familias da França, o marquez d'Argenson não quiz contentar-se com ser alguém «par droit de naissance»: procurou sel-o também «par droit de conquête». E conseguiu plenamente o seu fim! O seu romance é a afirmação dum solido talento de escritor aliado a uma fina e delicada sensibilidade de estilista. Palpita em cada pagina da «Pénombre» aquella requintada leveza, aquella ternura elegante em que sabe tanta vez moldar as suas manifestações o espirito eternamente encantador da França — paiz que em cada alma cria uma scintilha de arte!



### Vicomtesse de Rougé

A «Ilustração Portuguesa», honra-se neste numero com a publicação do retrato de uma poetisa illustre, madame Ofelia Correia da Costa — vicomtesse de Rougé — muito conhecida em Paris e que o nome de uma senhora illustre, mãe do poeta Augusto de Santa-Rita, revela aos nossos leitores com a tradução do soneto: — «L'Intrus».



# CRITICA LITTERARIA

**RINDO E CHORANDO**, dialogos, por *Luzia*. — Na vida literaria do ano passado, o primeiro livro de dialogos de *Luzia* afirmou qualidades notaveis e salientes de literatura ironica e de observação certa. *Luzia* era uma mulher culta e um espirito agudo, que surgia, num leve sorriso de *blague*, a desmascarar os pequenos vicios, os pequenos segredos e os pequenos ridiculos humanos. Nas scenas ligeiras, vagamente perfumadas de inverosimilhança, que os seus dialogos iam fazendo passar na nossa frente, em aspéto frufruantes, de cinema, *Luiza* recortava elegancias, criticava snobismos, chegava, pela sua branda emoção delicada, ao idillio e á tragedia, á futilidade e ao escandalo, á beleza e á elegia, á loucura e á dôr. O seu poder literario era feito d'espumas, de penugens e de rendas. A sua intelligencia era uma aza, adejando, roçando diafanamente os perfis, os conflitos e as almas.

*Rindo e chorando*—nada nos obriga a dizer de novo. A personalidade de *Uzia* continúa, admiravelmente, a marcar a sua via aurea do triumpho.

João AMEAL

\*

**MEDICINA E MEDICOS**, pelo dr. *Bettencourt Rodrigues*. — *Medicina e Medicos* reúne uma coleção de artigos de divulgação scientifica e de estudo literario. E' já vasta a obra do sr. dr. *Bettencourt Rodrigues* no campo da sciencia. O seu nome é muito conhecido como psiquiatra e neurologista, dos primeiros que entre nós cultivaram essas especialidades, e tambem como psicologo experimental. Evidenciando a sua predilecção e a sua avidez dentro do fóro literario, já nos tem dado outras publicações, d'entre as quaes muita sensação causou a conferencia sobre: *Os sentidos e a emoção n'alguns poetas portu-*



Dr. Bettencourt Rodrigues

*guezes e brasileiros*. Do novo livro *Medicina e Medicos*, devemos destacar, como de interesse, muito especial, os estudos sobre *Sousa Martins* e *Manuel Bento de Sousa*, e a curiosa surpresa de «*Guerra Junqueiro* homem de sciencia». D'esse enlace entre as Sciencias e as Letras, dá-nos, pois, o sr. dr. *Bettencourt Rodrigues*, dois aspectos: o da sua própria personalidade e da de *Manuel Bento de Sousa*, e o do caso de *Guerra Junqueiro*, este ultimo, em geral, mais admissivel para o publico do que os primeiros. Já o comentou o professor *Ricardo Jorge*: «Se ao letrado chega a ser licito divagar pelos dominios do cientista, o inverso é julgado defeso; o profissional da sciencia arrisca-se a sair lesado na reputação, e até na seriedade do seu officio ou do seu cargo, se lhe descobrem ressaibos de cultura literaria — quando mais não seja o de escrever com relativa correccção linguistica e elocutiva. A's duas por trez é agraciado com o titulo de homem de letras, como etiqueta depressiva da sua capacidade de homem de sciencia.»

Pelo seu prestigio clinico, o sr. dr. *Bettencourt Rodrigues* parece ser uma excepção a esta regra.

**TEDIO**, por *Mariano Correia*. Versos postumos que, taes como se nos apresentam, inspiram todo o interesse pelo sentimento e pelo pensamento de quem os compoz, e toda a simpatia pelo piedoso cumprimento da disposição em que a sua edição em livro era pedida. O sr. *Mariano Correia* tinha a alma cheia de grandes desanimos e de grandes desesperos. Mas os seus versos foram mais do que sonhos, foram pressentimentos. Isso torna-os mais tristes, quicá mais sentidos... Leve indecisão da rima e um muito notavel tacto ritmico. Complexidade sentimental delicada e subtil. Um verdadeiro poeta de quem a historia da poesia contemporanea e a nossa estima intelectual pedem que sejam já publicadas as poesias e prosas ineditas que n'este volume são anunciadas.

\*

**POEMAS**, de *Guilherme de Faria*. Um poeta de quatorze anos, lembrando *Antonio Nobre* na sua tristeza submissa e serena, e escrevendo otimos versos, ricos de qualidades plasticas e sonoras. Na eterna antinomia da quimera e da realidade, encontra ainda novos modos de sonhar e de contar os sonhos. Tem essa originalidade de modernizar uma escola antiquada. Os *Poemas* de *Guilherme de Faria* são uma magnifica afirmação. Se o seu talento se desenvolver, como é natural, não será aventuroso louvor prevêr que muito brevemente se poderá aproximar do *Só*.

Ruy DE VERAS

N. de R.—A todos os srs. editores e autores avisamos que para os livros serem criticados nesta secção, é necessario que nos enviem dois exemplares.



# TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)

## MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afeções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatismo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afeções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rápido e energico. Tónico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao «sport» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A' venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 500. Correo, até dois frascos, mais 50 centavos. Deposito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Ocidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Loanda: Serra, Annes & Irmão

## O HOMEM MISTERIOSO

Que em 1920 profetizou a morte de MACHADO SANTOS e outros acontecimentos publicos (leiam o «Diario de Lisboa», do dia 3-11-921), e diz o vosso passado, presente e futuro, em amores e casamento, negocios, viagens, mudanças de vida, etc., é o *astrolog J. Rabestana*, que se mudou para a Rua Pascoal de Melo, 103, 1.º, frente, Lisboa. Se escrever envie 1:000 réis para a resposta.

### “NOTA ELEGANTE”

O passo rúge-rúge de uma mulher atrae-nos!...

O seu olhar, acolhe-nos!...

Mas os seus pésinhos bem calçados, seduz-nos!!!...

Os Sapatinhos mais elegantes, vendem-se na sapataria **Modelo de Paris**. TELEF. C. N.º 2885

Virgilio Prieto Limit.ª  
R. do Lorêto n.º 19 — Chiado

**Perfumaria Balsemão**  
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

## O ERGA

E', segundo a opinião dos Ex.ªs medicos que o tem experimentado, um tónico de eficacia certa e sem igual, sobretudo nas afeções seguintes:

Anemia, clorose, neurastenia, paludismo, doenças do peito e enfraquecimento geral. Excelente nas convalescências.

Excita o appetite e dá força sendo muito bem tolerado pelo aparelho digestivo.

**Preço 4\$00**

DEPOSITO HYPODERMICA

R. DO SALITE, 153 — TEL. 765 N

## MELINA

MATA-FORMIGAS

Vende-se em toda a parte.

Deposito geral:

Fernandes, Almeida & C.ª Limitada

RUA DO LARGO DO CORPO SANTO, 10, 1.º

## Janotas???

sejam economicos!!!

Mandai virar ou fazer os vossos fatos por MADEIRA ALFAIATE, que vos ficam como novos e baratos. Aceitam-se fatos a feito.

Variado sortido de fazendas a preços baratissimos.

Postal a S. MADEIRA, Rua do Sol, ao Rato, 215, (Electrico da Estrela á porta)

## Água amarela

Remedio que mata rapidamente todos os parasitas da cabeça e corpo. Destroe lendas e limpa a caspa.

Preço 1\$500, pelo correio 1\$800

Deposito geral FARMACIA SIMÕES

Rua Infante D. Henrique, 54

A S. THOME — LISBOA

## A'S MÃES

QUE CUIDAM da saúde dos seus filhos aconselhamos a *Farinha Lactea Cister*, unico alimento completo e que, pelo seu esmerado fabrico, alliado á modici dade do seu preço, rivaliza com as estrangeiras. A' venda em todas as Mercarias, Farmacias e Drogarias.

Pedir amostras aos depositarios:

BORGES, MARQUES & C.ª, Lt.ª

R. Arco da Bandeira, 159

## O passao, o presente e o futuro

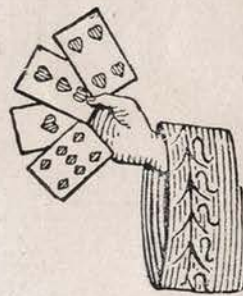
Revelado pela mais celebre chiro-mante e fisionomista da Europa

## Madame Brouillard

Diz o passao e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e histologia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Faia portuguez, francez, Inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas todos os dias uteis,

das 11 da manhã às 7 da tarde em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-

## M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 às 2 horas e por correspondencia. Enviar 40 cent. para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua da Alegria, predio-esquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO «SEculo»

PREÇO, 20 CENTAVOS





**Olhe bem  
para si!**

Se vir que a sua  
cara começa a  
mostrar sinais de  
cansaço, deve ime-  
diatamente forti-  
ficar-se, fazendo  
uso do

**Sanitol**

A' VENDA EM TODAS AS BOAS FARMACIAS

DEPOSITARIOS

LISBOA — Azevedo, Irmão & Veiga

RUA DO MUNDO, 24

PORTO — Lourenço, Ferreira Dias L.<sup>da</sup>

RUA DAS FLORES, 157